

Reflexões sobre a Violência na Teoria Política Contemporânea (3 créditos)

Prof. Pedro H. Villas Bôas Castelo Branco

Horário: terça-feira, das 13 às 16 horas

Consultas: A combinar com o professor

Pensar a violência parece ainda representar um tabu para a teoria política contemporânea cuja reflexão se enraizou no solo de uma harmonia preestabelecida. Alicerçada na crença no processo civilizacional, parte significativa da teoria política aposta na erradicação de conflitos violentos. A fé na razão, justiça e comunicação eliminariam ou mitigariam a violência a ponto de criar condições para o diálogo e o consenso entre homens livres e racionais. As contingências da realidade complexa, porém, impõem limites intransponíveis a teorias políticas que partem de uma concepção antropológica cujo teor escamoteia a potencialidade da violência humana. Se por um lado é possível perceber que a violência constitui ontologicamente o modo de ser do homem, por outro, os estudos políticos contemporâneos não levam em consideração as contribuições da antropologia filosófica e da psicanálise. Sua atenção está menos voltada às formas sutis e silenciosas da violência do que às suas manifestações físicas e abertas, traduzidas sob a forma de transgressão de normas estabelecidas pela ordem vigente.

As formas de violência sujeitas à percepção objetiva constituem suas manifestações mais conhecidas (crimes violentos, guerras, ofensas à integridade física, dano ao patrimônio etc.) e são consideradas ilegítimas se a “realidade” corresponde à materialidade, ao “primitivo”, à “barbárie”, à anormalidade. Tais modos de expressão da violência apresentar-se-iam como formas objetivas do fenômeno em virtude de contrastarem com uma representação racional e moderna da violência. Tanto a violência institucional quanto a violência imaterial ou simbólica apresentam maior opacidade, como se observa no caso da disputa semântica pela imposição ou legitimação da dominação. No concernente aos conceitos decisivos do vocabulário político, convém indagar quem os interpreta, define e aplica; quem define o que é violência, paz, desarmamento, intervenção, ordem pública e segurança. Uma das manifestações mais relevantes na vida jurídica e social é o fato de que o domínio do poder simbólico permite determinar os conceitos e palavras e dizer o que é político ou econômico, autêntico ou inautêntico, ordinário ou extraordinário, ordem ou desordem. Assim, os dominados assimilam inconscientemente e involuntariamente a visão de mundo do dominador de modo a se tornarem cúmplices da ordem estabelecida. O exercício do poder simbólico se fundamenta em um alto grau de racionalização e informatização cujo efeito é a naturalização de suas manifestações por meio de sua legitimação.

A finalidade deste curso consiste em investigar formas de violência simbólica institucionalizadas em ordens legítimas. Para tanto, pretende-se examinar a violência à luz de quatro perspectivas: a

primeira, concernente às imagens antropológicas subjacentes a teorias políticas, investiga as imagens da natureza humana e suas repercussões políticas; a segunda trata da relação entre violência e linguagem e analisa a luta semântica pela imposição de uma realidade ontológica; a terceira discute possíveis repercussões políticas da relação entre razão, violência e história; a quarta examina a relação entre técnica, violência e a mutação dos conflitos.

Introdução

1ª Sessão: Reflexões sobre a crítica à violência na contemporaneidade

BENJAMIN, Walter. “Sobre a crítica do poder como violência”. In: *O anjo da história*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012, pp. 59-82.

HANSEN, Beatrice. “On the politics of the pure means: Benjamin, Arendt e Foucault”. In: *Critique of violence: between poststructuralism and critical theory*. New York: Routledge, 2000, pp. 16-29.

Primeira Parte: Imagens da natureza humana e suas repercussões políticas

2ª Sessão: Animal simbólico ou racional?

ERNST, Cassirer. “O que é o homem?”. In: *Ensaio sobre o homem: introdução a uma filosofia da cultura humana*. São Paulo: Martins Fontes, 1994, pp. 9-95.

3ª Sessão: A banalidade do mal e as faces da violência

ARENDR, Hannah. *O julgamento de Eichmann: um relato sobre a banalidade do mal*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, capítulos I, II e VII.

ŽIŽEK, Slavoj. “Introduction: the Tyrant’s Bloody Robe”. In: *Violence. Six Sideways Reflections*. New York: St. Martin’s Press, 2008, pp. 1-9.

ŽIŽEK, Slavoj. “SOS Violence”. In: *Violence. Six Sideways Reflections*. New York: St. Martin’s Press, 2008, pp. 9-30.

4ª Sessão: Psicanálise e violência

DEBUYST, Christian. “Psicanálise da violência”. In: RÉMOND, René (org.), *A Violência*. Rio de Janeiro: LAUDES, 1969, pp. 58-71.

EY, Henri. “Psicanálise da violência”. In: RÉMOND, René (org.), *A Violência*. Rio de Janeiro: LAUDES, 1969, pp. 37-50.

FREUD, Sigmund. “Considerações actuais sobre a guerra e a morte”. In: *Escritos sobre a guerra e a morte*. Covilhã: LusoSofia, 2009, pp. 4-31.

5ª Sessão: O futuro da natureza humana

HABERMAS, Jürgen. “O que significa a moralização da natureza humana?” In: *O futuro da natureza*. São Paulo: Martins Fontes, 2010, pp. 33-52.

NIEBUHR, Reinhold. “Man as problem to himself”. In: *The nature and destiny of man. Moral man and immoral society: a study in ethics and politics*. Westminster John Knox Press, 1996, pp. 1-25.

Segunda Parte: Violência, linguagem e a luta semântica dos conceitos

6ª Sessão: Violência e linguagem

RICOEUR, Paul. “Violência e linguagem”. In: RÉMOND, René (org.), *A Violência*. Rio de Janeiro: LAUDES, 1969, pp. 85-94.

BOURDIEU, Pierre. “Economia das trocas linguísticas”. In: ORTIZ, Renato (org.), *Bourdieu – Sociologia*. São Paulo: Ática. Coleção Grandes Cientistas Sociais, vol. 39, 1983, pp. 156-183.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1996, pp. 5-36.

7ª Sessão: Luta semântica e os conceitos antitéticos

KOSELLECK, Reinhart. “A semântica histórico-política dos conceitos antitéticos”. In: *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Ed. Contraponto, 2006, pp. 191-232.

HANSEN, Beatrice. “The violence of language”. In: *Critique of violence: between poststructuralism and critical theory*. New York: Routledge, 2000, pp. 158-178.

Terceira Parte: Violência, razão, história e modernidade

8ª Sessão: Razão, iluminismo e violência

ADORNO, Theodor W.; HORKMEIMER, Max. “Conceito de esclarecimento”. In: *Os pensadores*. São Paulo: Nova Cultural, 1989, pp. 3-30.

JAGUARIBE, Beatriz. “Modernidade Cultural”. In: *O choque do real: estética, mídia e cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 2007, pp. 15-41.

JAGUARIBE, Beatriz. “O choque do real e a experiência urbana”. In: *O choque do real: estética, mídia e cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 2007, pp. 97-124.

9ª Sessão: Violência, história, abreviação e aceleração do tempo

KOSELLECK, Reinhart. “Existe uma aceleração da história?”. In: *Estratos do tempo: estudos sobre a história*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014, pp. 139-165.

KOSELLECK, Reinhart. “Abreviação do tempo e aceleração. Um estudo sobre a secularização”. In: *Estratos do tempo: estudos sobre a história*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014, pp. 165-197.

10ª Sessão: Sacrifício, mimesis e violência

GIRARD, René. “Sacrifice”. In: *Violence and the sacred*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1979, pp. 1-38.

GIRARD, René. “Introdução”. In: *Rematar Clausewitz: além da guerra. Diálogos com Benoît Chantre*. São Paulo: Ed. Realizações, 2011, pp. 21-33.

Quarta Parte: Técnica, Violência e a Mutação dos Conflitos

11ª sessão: Progresso técnico, violência e o político

SPENGLER, Oswald. *Man and technics: a contribution to philosophy of life*. E-book scanned 2001 from the 1976 Greenwood Press hardcover reprint of 1932 English edition published by Alfred A. Knopf, pp. 4-52.

12ª Sessão: violência, técnica e mobilização total

HEIDEGGER, Martin. “A questão da técnica”. *Scientiæzudia*, vol. 5, nº 3, 2007, pp. 375-398.

FRANCO DE SÁ, Alexandre. “Introdução”. In: JÜNGER, Ernest, *O trabalhador: domínio e figura*. Lisboa: Hugin, 2000, pp. 2-23.

JÜNGER, Ernst. “A mobilização total”. *Natureza Humana*, vol. 4, nº1, 2002, pp. 189-216.

13ª Sessão: Tecnologia da violência

MICHAUD, Yves. “Tecnologia da violência contemporânea”. In: RÉMOND, René (org.), *A violência*. São Paulo: Ed. Ática, 1989, pp. 42-54.

VIRILIO, Paul. *Bomba informática*. São Paulo: Estação Liberdade, 1999.

14ª Sessão: Violência virtual e conflitos cibernéticos

GARDNER, Hall. “War and the media paradox” In: KARATZOGIANNI, Athina (org.), *Cyber conflict and global politics*. New York: Routledge, 2009, pp. 11-30.

LÉVY, Pierre. “O que é a virtualização?”. In: *O que é o virtual?*. São Paulo: Ed. 34, 2001, pp. 15-25.

LÉVY, Pierre. “As três virtualizações que fizeram o humano: a linguagem, a técnica o contrato”. In: *O que é o virtual?*. São Paulo: Ed. 34, 2001, pp. 71-79.

15ª Sessão: Antagonismo, agonismo e violência

SIMMEL, Georg. *Conflict: the web of group – affiliations*. Glencoe, Illinois: The Free Press (Chapter One: The Sociological Nature of Conflicts), pp. 13-55.

CHANTAL, Mouffe. *Agonistics: thinking the world politically*. London: Verso, 2013, pp. xi-41.